

9º DOMINGO APÓS PENTECOSTES (PRÓPRIO 12)

26 DE JULHO DE 2026

ROMANOS 8.28-39

1 CONTEXTO LITÚRGICO

O chamado Tempo da Igreja, também conhecido como Período após Pentecostes, não possui o brilho das grandes celebrações que marcam os ciclos do Natal e da Páscoa. À primeira vista, pode parecer que, encerradas as grandes festas da história da salvação, a atenção se volta agora para a atividade da própria Igreja e para aquilo que ela realiza no mundo. No entanto, as leituras desse período insistem em lembrar que a vida da Igreja jamais é sustentada por sua própria força, organização ou capacidade.

Na verdade, o Deus que agiu na encarnação de Cristo, em sua morte e ressurreição, continua agindo entre seu povo. O Espírito Santo permanece chamando, reunindo, iluminando e santificando a Igreja por meio da Palavra e dos Sacramentos. A história da salvação não ficou para trás; suas bênçãos continuam sendo distribuídas diariamente àqueles que pertencem ao povo de Deus. Por isso, mesmo em meio às fragilidades e limitações humanas, a Igreja permanece viva e atuante.

A cor verde, característica deste período do ano eclesial, expressa visualmente essa realidade. Mais do que ornamentar os paramentos e o espaço litúrgico, ela proclama crescimento, vida e perseverança. Assim como uma planta necessita ser constantemente regada e nutrida, também a fé cristã é cultivada pelo Senhor por meio do Santo Batismo, da proclamação do Evangelho e da Santa Ceia. É Deus quem dá o crescimento e preserva seu povo na verdadeira fé.

Neste 9º Domingo após Pentecostes (Próprio 12 da Série A), as leituras nos convidam a contemplar essa ação graciosa de Deus. O Senhor escolhe um povo para si não por seus méritos, mas por seu amor; resgata seus filhos pelo precioso sangue de Cristo; e os preserva em sua graça, mesmo em meio às tribulações deste

mundo. Assim, as bênçãos da Páscoa continuam moldando a vida da Igreja, fortalecendo sua comunhão interna e sustentando sua missão externa, na certeza de que nada poderá separar os cristãos do amor de Deus revelado em Cristo Jesus, nosso Senhor.

2 DESTAQUE HERMENÊUTICO

As leituras deste Domingo nos conduzem ao coração do Evangelho: a certeza de que pertencemos a Deus não por nossos méritos, escolhas ou obras, mas exclusivamente por sua graça revelada em Cristo Jesus. Desde o início até o fim da história da salvação, Deus é aquele que busca, escolhe, resgata e preserva seu povo.

Em Deuteronômio, Moisés lembra Israel que sua posição diante de Deus não era resultado de grandeza nacional, poder militar ou superioridade moral. Pelo contrário, Israel era um povo pequeno e insignificante diante das grandes nações vizinha. Ainda assim, Deus o escolheu. O motivo dessa escolha não estava em Israel, mas em Deus. O texto afirma: “Porque o Senhor os amou e os escolheu” (Dt 7.8). Essa afirmação é puro evangelho da graça. Deus não ama porque encontra algo digno de amor; Deus ama porque Ele é amor. Sua escolha nasce de sua misericórdia e fidelidade.

Esse mesmo princípio permanece verdadeiro para a Igreja do Novo Testamento. Também nós não fomos chamados porque éramos melhores, mais sábios ou mais espirituais do que os demais. Como ensina Paulo, Deus escolheu aquilo que é fraco aos olhos do mundo para manifestar sua glória (1Co 1.27). A fé cristã não começa com a decisão do ser humano de buscar Deus, mas com a iniciativa divina de buscar pecadores.

Essa busca divina alcança seu ápice na pessoa e obra de Jesus Cristo. As parábolas do Evangelho de Mateus falam de um tesouro escondido e de uma pérola de grande valor. Frequentemente essas parábolas são interpretadas como se o ser humano encontrasse Cristo e abrisse mão de tudo para possuí-lo. A leitura

cristológica mais sadia oferece uma perspectiva ainda mais profunda. O verdadeiro homem que vende tudo para adquirir o campo é o próprio Cristo. A pérola de grande valor é sua Igreja. O Filho de Deus entrega tudo o que possui, inclusive sua própria vida, para adquirir para si um povo santo e precioso.

Essa interpretação harmoniza-se com o restante das Escrituras. Pedro escreve que fomos resgatados não por prata ou ouro, mas pelo precioso sangue de Cristo (1 Pedro 1.18-19). O valor da Igreja não está em si mesma, mas no preço pago por ela. O mundo pode olhar para a Igreja e enxergar apenas um grupo pequeno, fraco e imperfeito. Contudo, aos olhos de Deus, ela possui valor inestimável porque foi comprada pelo sangue de seu Filho unigênito.

Por essa razão, os cristãos vivem uma realidade paradoxal. Aos olhos do mundo, frequentemente parecem derrotados, perseguidos ou insignificantes. Jesus descreve seu povo como um tesouro escondido em um campo. O tesouro existe, mas permanece oculto. A glória da Igreja está escondida sob a cruz. Sua verdadeira identidade não pode ser medida por números, poder político, riqueza ou influência cultural. Ela é conhecida plenamente somente por Deus.

Essa realidade ajuda a compreender as palavras de Paulo em Romanos 8. O apóstolo não promete uma vida livre de sofrimento. Pelo contrário, ele fala de tribulações, angústias, perseguições, fome, nudez, perigo e espada. A vida cristã continua marcada pela luta contra o pecado, contra o mundo e contra o diabo. O povo de Deus continua carregando a cruz. Entretanto, essas dificuldades não são sinais do abandono divino. Pelo contrário, Deus utiliza até mesmo os sofrimentos para conformar seus filhos à imagem de Cristo.

Por isso Paulo pode afirmar que “todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Rm 8.28). Essa passagem não significa que todas as coisas sejam boas em si mesmas. O pecado continua sendo pecado. A dor continua sendo dor. A morte continua sendo inimiga. Mas significa que Deus é tão poderoso e tão misericordioso que consegue transformar até mesmo as experiências mais difíceis em instrumentos para cumprir seus propósitos salvadores.

O fundamento dessa confiança não está em nossa capacidade de permanecer firmes, mas na obra consumada de Cristo. Romanos 8 apresenta uma

cadeia de ações divinas: Deus conheceu, predestinou, chamou, justificou e glorificou. A salvação inteira repousa na ação graciosa de Deus. O cristão pode tropeçar, sofrer e até atravessar períodos de profunda fraqueza espiritual, mas o Senhor permanece fiel à sua promessa.

Essa certeza alcança seu ponto culminante nas perguntas triunfantes de Paulo. “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” “Quem tentará acusação contra os eleitos de Deus?” “Quem os condenará?” Nenhuma dessas perguntas encontra resposta, porque Cristo já respondeu a todas elas na cruz. O pecado foi expiado. A culpa foi removida. A condenação foi anulada. O acusador foi vencido.

Além disso, Cristo não apenas morreu por nós. Ele ressuscitou. E mais do que isso: vive e reina à direita do Pai, intercedendo continuamente em favor de seu povo. O Salvador que comprou sua Igreja com seu sangue continua preservando-a por sua Palavra e seus Sacramentos. Aquele que nos encontrou continua nos sustentando. Aquele que nos chamou continua nos guardando na fé.

Por isso o capítulo termina com uma das mais poderosas confissões de esperança de toda a Bíblia. Nem morte, nem vida, nem anjos, nem poderes, nem presente, nem futuro, nem qualquer outra criatura poderá separar os cristãos do amor de Deus revelado em Cristo Jesus. O mesmo Deus que escolheu seu povo por amor, o mesmo Cristo que o resgatou por seu sangue, é o Deus que o preservará até o fim.

Assim, as leituras deste Domingo nos convidam a abandonar toda confiança em nós mesmos e a descansar inteiramente na graça de Deus. Somos seu povo escolhido. Somos seu tesouro precioso. Fomos comprados pelo sangue de Cristo. E nada, absolutamente nada, poderá nos separar do amor daquele que nos chamou para sermos seus para sempre.

3 DESTAQUE EXEGÉTICO – ROMANOS 8.28-39

v.28- Οἴδαμεν - sabemos (1ªp. Perfeito Indicativo Ativo): Nos coloca diante de uma certeza que provem da fé.

συνεργεῖ - cooperam (3^{as}. Presente do Indicativo Ativo): Este verbo, gramaticalmente, pode ter “todas as coisas” tanto como sujeito quanto como objeto. É por isso que alguns manuscritos e comentário contêm um ὁ θεός. Muito provável que seja uma adição aos originais a gramática permite aquilo que se chama de um passivo divino. Neste início de perícopo pode o sujeito da ação estar oculto, mas logo adiante Deus se revela agindo em Cristo.

Paulo não afirma que todas as coisas são boas, mas que Deus faz todas as coisas servirem ao bem dos seus filhos. O contexto imediato fala de sofrimentos, fraquezas e gemidos (Rm8.18-27), de modo que "todas as coisas" inclui também aflições e tribulações. O "bem" não é prosperidade terrena, mas a realização do propósito salvador de Deus. Os "chamados" são aqueles que foram trazidos à fé por meio do Evangelho. O amor dos cristãos a Deus é resultado de terem sido primeiramente amados por ele (1Jo 4.19).

v.29- Προέγνων - Conhecer antes (3^{as}. Aoristo Indicativo Ativo): O verbo "conheceu" não se refere simplesmente à presciência intelectual de Deus, mas ao seu conhecimento amoroso e eletivo. No debate Calvinista-Arminiano deste texto busca saber qual é o atributo de Deus em evidência na eleição “Onipotência” ou “Onisciência”, uma leitura luterana não desfaz a tensão, mas aponta para a “Onibenevolência”.

No Antigo Testamento, "conhecer" frequentemente significa escolher e estabelecer relacionamento (Am 3.2). A predestinação aqui não é apresentada como especulação sobre decretos ocultos, mas como consolação aos crentes. O propósito divino é que os salvos sejam conformados à imagem de Cristo, restaurando neles aquilo que o pecado corrompeu. Cristo é o "primogênito", isto é, aquele que possui a supremacia e a honra entre os muitos irmãos que compõem sua Igreja.

v.30- Προώρρισεν; ἐκάλεσε; ἐδικαίωσεν; ἐδόξασεν - (3^{as} Aoristo Indicativo Ativo): Os 4 verbos estão numa crescente interdependência *predestinou- chamou- justificou- glorificou*. Paulo descreve a obra salvadora de Deus como uma sequência indivisível. O chamado ocorre historicamente pela proclamação do Evangelho. A justificação é o ato pelo qual Deus declara o pecador justo por causa de Cristo. A glorificação aparece no passado ("glorificou"), embora seja futura em

nossa experiência. Paulo emprega essa forma para enfatizar a certeza absoluta do cumprimento do plano divino.

v.31- Paulo inicia uma série de perguntas retóricas. Todas elas poderiam ser respondidas com um sonoro *nada/ninguém*. Não significa que os cristãos não tenham adversários, mas que nenhum deles pode frustrar a obra de Deus. A oposição continua existindo, porém perde seu poder definitivo diante da graça e da fidelidade divinas.

v.32- Há uma clara alusão ao sacrifício de Isaque (Gn 22). Deus não poupou seu Filho, mas o entregou voluntariamente por nós. O argumento é do maior para o menor: se Deus já concedeu o maior de todos os dons, Cristo, certamente dará também tudo o que for necessário para conduzir seus filhos à salvação final.

v.33- A linguagem é forense. Satanás é o acusador, a Lei revela o pecado e a consciência frequentemente condena. Entretanto, nenhuma acusação pode prevalecer porque Deus já pronunciou seu veredito sobre os que estão em Cristo. A eleição aparece aqui como fonte de consolo e não de dúvida.

v.34- A condenação foi removida pela obra completa de Cristo. Paulo apresenta quatro aspectos da obra salvadora: Cristo morreu, ressuscitou, está à direita de Deus e intercede pelos seus. O Salvador não apenas conquistou a redenção, mas continua exercendo seu ofício sacerdotal em favor da Igreja.

v.35- O foco agora passa do tribunal para o relacionamento entre Cristo e seu povo. As tribulações mencionadas eram realidades conhecidas tanto por Paulo quanto pela Igreja primitiva. O amor de Cristo não é um sentimento abstrato, mas o amor demonstrado concretamente na cruz.

v.36- Paulo cita o Salmo 44.22 para mostrar que o sofrimento do povo de Deus não é algo novo nem sinal de abandono divino. Os fiéis sempre experimentaram oposição por causa de sua fidelidade ao Senhor.

v.37- A expressão grega é particularmente forte, indicando vitória plena e decisiva. Os cristãos não triunfam por sua própria força, mas "por meio daquele que nos amou". A vitória não consiste em escapar das tribulações, mas em permanecer unidos a Cristo por meio delas.

v.38- Paulo apresenta sua convicção pessoal baseada no Evangelho. A lista começa abrangendo as duas maiores experiências humanas: vida e morte. Em

seguida menciona anjos, principados e poderes, representando todas as forças espirituais que poderiam parecer ameaçadoras aos olhos humanos.

v.39- A expressão pode ter relação com categorias conhecidas da astrologia antiga, representando toda a extensão do universo. Paulo conclui afirmando que absolutamente nada dentro da criação possui poder para romper a união entre Cristo e os seus. O amor de Deus manifestado em Cristo Jesus é a garantia final da segurança do crente.

Em síntese, Romanos 8.28-39 constitui a grande conclusão da seção iniciada em Romanos 5. Após descrever a justificação, a nova vida em Cristo e a ação do Espírito Santo, Paulo conduz seus leitores à certeza de que a salvação depende da iniciativa e da fidelidade de Deus. O texto move-se do propósito eterno de Deus (Rm 8.28-30) para a obra redentora de Cristo (Rm 8.31-34) e culmina na segurança inabalável do amor divino (Rm 8.35-39). O objetivo não é satisfazer curiosidades sobre predestinação, mas fortalecer a fé dos cristãos que sofrem, assegurando-lhes que nada poderá frustrar o propósito salvador de Deus nem separá-los do amor revelado em Cristo Jesus.

4 DESTAQUE HOMILÉTICO

4.1 Tema

"Seguros do começo ao fim".

4.2 Introdução

Algum dia desses vi um humorista que chama jovens da Geração Z ao palco e faz perguntas de coisas que a própria sugeriu, como marcas antigas, propagandas, filmes e gírias. O humorista tem a tese de que muitos jovens sabem pouco ou nada do que veio antes deles, mas ainda assim carregam a arrogância de ser a geração que tem mais informações. Por outro lado, há também pessoas das

gerações anteriores que ignoram ou se negam a entender as demandas, desejos e interesses dos mais novos.

Não quero fazer uma guerra entre quem sabe mais ou menos sobre o outro. Pode ser apenas um triste reflexo de como são muitas relações. A verdade é que a nossa atenção é seletiva, gravamos algumas coisas que nos interessam e esquecemos ou ignoramos aquilo que não faz sentido para nós.

Há pessoas que dizem que a ignorância pode ser uma bênção e talvez em algum sentido, neste mundo coberto pelo pecado ao nos abastecermos de coisas ruins podemos perder o foco do que realmente é importante. Mas conhecer e ser conhecido por Deus não é só importante, é vivificador.

O apóstolo Paulo na carta aos Romanos afirma que Deus se revela até por meio da sua criação, mas nós reconhecemos verdadeiramente o seu amor na cruz de Cristo.

4.3 O Deus que nos escolheu (vv. 28-30)

a) A certeza cristã começa em Deus

- "Sabemos..." — Paulo fala de uma convicção produzida pela fé.
- A segurança do cristão não está em seus sentimentos, mas nas promessas de Deus.
- Mesmo quando não compreendemos os acontecimentos da vida, Deus continua agindo.

b) Deus governa até mesmo aquilo que nos faz sofrer

- "Todas as coisas cooperam para o bem."
- Nem todas as coisas são boas em si mesmas.
- Sofrimento, enfermidade, perdas e lágrimas continuam existindo.
- Deus, porém, utiliza até mesmo essas realidades para conduzir seus filhos à salvação.

c) A salvação é iniciativa divina do começo ao fim

- Conheceu.
- Predestinou.
- Chamou.

- Justificou.
- Glorificou.
- Em toda a sequência Deus é o sujeito da ação.
- O foco não está em especular sobre decretos ocultos, mas em encontrar consolo na fidelidade de Deus.

d) O alvo da eleição

- Ser conformado à imagem de Cristo.
- Deus não apenas deseja salvar seus filhos, mas também moldá-los segundo o caráter do Filho.
- A cruz não é sinal de abandono, mas parte desse processo.

e) Aplicação

- Quando olhamos para trás, percebemos muitos momentos em que Deus nos sustentou sem que percebêssemos.
- Nossa história de fé começou antes mesmo de sabermos quem ele era.

4.4 O Cristo que nos justificou (vv. 31-34)

a) O tribunal de Deus foi aberto

- Paulo utiliza linguagem jurídica.
- As perguntas apontam para um julgamento.
- Quem acusará?
- Quem condenará?

b) Existem muitas acusações

- O diabo acusa.
- A Lei revela nossos pecados.
- Nossa consciência frequentemente nos condena.
- Muitas dessas acusações possuem fundamento porque somos pecadores.

c) Deus já pronunciou o veredito

- "É Deus quem justifica."
- O Juiz é o mesmo que declara o pecador justo.
- A justificação não depende das obras, mas da obra de Cristo.

d) O fundamento da absolvição

- Cristo morreu.
- Cristo ressuscitou.
- Cristo reina à direita do Pai.
- Cristo intercede por nós.
- O Salvador não apenas conquistou a salvação; Ele continua cuidando dos seus.

e) A cruz é a maior prova de que Deus está por nós

- Deus não poupou seu próprio Filho.
- Se já nos deu o maior presente, não deixará de nos conceder tudo o que é necessário para nossa salvação.

f) Aplicação

- Quando a culpa nos atormenta, olhamos para Cristo.
- Quando a consciência vacila, olhamos para a cruz.
- Nossa segurança não está em nossa inocência, mas em nossa justificação.

4.5 O amor que jamais nos deixará (vv. 35-39)

a) A vida cristã continua marcada pela cruz

- Tribulação.
- Angústia.
- Perseguição.
- Fome.
- Nudez.
- Perigo.
- Espada.
- Paulo não promete uma vida fácil.

b) O sofrimento não significa abandono

- O Salmo 44 já descrevia o sofrimento do povo de Deus.
- Os servos de Deus sempre enfrentaram oposição.
- A presença da cruz não é ausência do amor divino.

c) Em Cristo somos mais que vencedores

- Não porque evitamos as dificuldades.

- Não porque sempre compreendemos os planos de Deus.
- Mas porque Cristo já venceu por nós.
- A vitória cristã acontece no meio das tribulações.

d) Paulo esgota toda possibilidade de separação

- Nem morte.
- Nem vida.
- Nem anjos.
- Nem poderes.
- Nem presente.
- Nem futuro.
- Nem qualquer outra criatura.

e) A última palavra pertence ao amor de Deus

- O amor de Deus é maior que nossos medos.
- Maior que nossos pecados.
- Maior que nossas circunstâncias.
- Maior até mesmo que a morte.

f) Aplicação

- O cristão pode perder muitas coisas nesta vida.
- Pode enfrentar enfermidades, lutas e despedidas.
- Mas jamais perderá aquilo que recebeu em Cristo.

4.6 Conclusão

a) Seguros do começo ao fim.

- O Deus que nos escolheu.
- O Cristo que nos justificou.
- O amor que jamais nos deixará.

A salvação inteira repousa nas mãos de Deus. Por isso, com Paulo, podemos confessar: "Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida... poderá nos separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor." (Rm 8.38-39).

Rev. André Felipe dos Santos Silva

Santo Antônio da Patrulha, RS